

Ajude os cientistas a descobrir onde andam as cigarras em Portugal

Ana Francisca Gomes

Projecto quer saber onde estão ao certo as cigarras, incluindo as espécies mais raras do país, para que se possa protegê-las

O desafio já tinha sido lançado em 2019 por cientistas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), mas volta a ser feito neste Verão. Se ouvir o canto de uma cigarra, grave um vídeo ou um áudio e, juntamente com a localização GPS, partilhe esse registo na plataforma Biodiversity4All. O projecto Cigarras de Portugal quer criar um mapa actualizado da distribuição das 13 espécies em território continental português, em especial das mais raras, e para isso precisa de ajuda.

“Embora as cigarras sejam por vezes bastante difíceis de ver pela sua capacidade de se camuflarem na vegetação, o canto é específico para cada espécie e a sua gravação é suficiente para registar a ocorrência das espécies”, lê-se na plataforma Biodiversity4All. Mas conseguir monitorizar as cigarras através do seu canto não é das tarefas mais fáceis.

Estes animais passam anos debaixo da terra (pode chegar até aos 17 anos) a alimentarem-se da seiva de raízes e a crescerem, de onde depois emergem na fase de ninfa por algumas semanas no Verão, para se reproduzirem ou morrerem. Durante este breve tempo de vida adulta que lhes resta, investem toda a energia no acasalamento e, por isso, os machos cantam incessantemente. Como o tempo à superfície é pouco, daí a dificuldade em conseguir monitorizá-las.

A espécie mais ameaçada

Foi por este entrave, que se agrava ainda mais com a escassez de recursos humanos, que no Verão de 2019 o projecto Cigarras de Portugal, que junta vários cientistas da FCUL, já tinha lançado aos portugueses o desafio de estarem atentos no dia-a-dia aos cantos das cigarras e de os registarem para partilha na plataforma Biodiversity4All. Na altura terão recebido centenas de registos, mas muito poucos daquelas que são as espécies mais raras de cigarras no país e, por isso, o apelo volta a ser feito.

“Em 2021, o projecto Cigarras de Portugal quer descobrir em particular onde se encontram algumas das espécies mais raras e que se encontram activas sobretudo em Junho e Julho entre elas a cigarra-verde-do-alentejo (*Euryphara contentei*), a cigarra

mais ameaçada do país”, dá conta um comunicado sobre o projecto.

Em Portugal continental encontram-se listadas 13 espécies de cigarras, mas os cientistas ainda têm apenas uma “noção geral de cada espécie”. Ainda assim, essa informação já lhes permite “perceber quais são as mais raras e aquelas que estão mais ameaçadas”, explica ao PÚBLICO Paula Simões, responsável pelo projecto e investigadora do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (CE3c), na FCUL.

“Ainda desconhecemos os limites exactos de distribuição, a área de ocupação e a abundância. Desconhecemos também a duração do ciclo de vida de cada espécie e as espécies de plantas de que efectivamente dependem durante a fase de desenvolvimento no solo, que representa a maior parte do tempo de vida destes insectos”, acrescenta a cientista.

Estas informações são importantes para que se tomem “medidas efectivas de conservação e preservação das suas populações”. Paula Simões partilha que a cigarra-comum (*Cicada orni*) é a espécie com maior área de distribuição e também aquela da qual recebem mais registos do público. Porém, não têm o mesmo nível de registo para todas, uma informação que é “relevante” para “melhor planejar medidas de conservação para as espécies mais ameaçadas”.

Há espécies que se encontram em perigo pela redução do habitat, ou pela sua deterioração. “É o caso da cigarra-verde-do-alentejo (*Euryphara contentei*), ameaçada pelas práticas modernas de agricultura intensiva que perturbam e impedem o desenvolvimento das cigarras no solo pela lavra e remoção do coberto vegetal espontâneo que lhes serve de alimento”, informa a investigadora. Esta é a espécie mais ameaçada no do país. “É a cigarra mais pequena conhecida em Portugal – em média, tem só 17 milímetros de comprimento – e canta em vegetação baixa, nalguns casos limitada a estreitas faixas de vegetação ao longo da estrada. Como o nome indica, as poucas populações conhecidas desta espécie encontram-se na região do Alentejo, em particular perto de Beja e Estremoz”, frisa comunicado.

“Quando em 2019 visitámos os poucos locais onde existe esta cigarra, percebemos que os números eram extremamente reduzidos”, diz por sua vez, no comunicado, a investigadora Vera Nunes, que faz parte do projecto. Em 2020, a pandemia impediu que houvesse novos registos, mas em 2021, ao voltarem a esses locais, os cientistas registaram uma melho-



Cigarra-verde-do-alentejo

abelhudo (*Hilaphura varipes*), da qual só têm alguns registos no Alentejo, Lisboa e Algarve. E, por falar em espécies raras, Paula Simões refere a cigarra-peluda (*Tibicina tomentosa*), que foi detectada só duas vezes no país, a última em 2001, em Mértola, e sobre a qual se tem dúvidas de que “ainda exista em Portugal”.

Paula Simões reforça a importância de se conhecer a distribuição geográfica de cada espécie para identificar as suas preferências ecológicas e prever onde seria suposto existirem o que permite inferir os impactos da actividade humana ou das alterações climáticas. “Ao conhecer a distribuição de forma detalhada, e sendo as cigarras espécies com pouca capacidade de dispersão, podemos avaliar o nível de fragmentação e a vulnerabilidade à extinção, bem como identificar as populações que devem ser protegidas para assegurar a preservação de uma espécie.” **Texto editado por Teresa Firmino**

ria. “Agora queremos perceber se estas flutuações são cíclicas e se estão ou não associadas a variações climáticas ou mudanças no habitat.”
Outro exemplo de uma espécie que os cientistas pretendem localizar através desta campanha é o cegarregão-